



Violência em rede: discursos sobre Greta Thunberg em comentários *on-line*

Violence in the network: discourses about Greta Thunberg in online comments

Francisco Vieira da Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte / Brasil

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte / Brasil

francisco.vieiras@ufersa.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

Resumo: Este texto consiste em analisar a produção da violência em discursos sobre a ativista sueca Greta Thunberg, materializados em comentários *on-line* no *site* Uol. Teoricamente, o estudo embasa-se nos estudos discursivos advindos das reflexões de Michel Foucault. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa cuja abordagem é predominantemente qualitativa. O *corpus* abarca oito comentários *on-line*, produzidos a partir de três notícias publicadas no *site* Uol a respeito de Thunberg, em dezembro de 2019. As análises apontam que os posicionamentos discursivos expressos nos comentários violentam a figura de Greta, caracterizando-a como sendo inapta, intelectualmente atrasada e manipulável por grupos financeiros e políticos com interesses obscuros.

Palavras-chave: Discurso; violência; Greta Thunberg; comentário *on-line*.

Abstract: This text analyses the production of violence in discourses about the Swedish activist Greta Thunberg, which are materialized in online comments in the Uol website. Theoretically, the study is based on the discursive studies from the reflections of Michael Foucault. This is a descriptive-interpretative research, with a predominant qualitative approach. The *corpus* is constituted of eight online comments, produced from three news published in the Uol website about Thunberg, in december 2019. The analysis

reveal that the discursive positioning expressed in the comments violate Greta's figure and characterize her as inapt, intellectually delayed and easy to be manipulated by financial and political groups with obscure interests.

Keywords: Discourse; violence; Greta Thunberg; online comment.

Recebido em 19 de março de 2020

Aceito em 11 de maio de 2020

1 Introdução

Greta Enman Thunberg é uma jovem ativista sueca de 17 anos que ficou mundialmente conhecida desde quando protestou em frente ao Parlamento sueco, em agosto de 2018, em favor do cumprimento do Acordo de Paris, que prevê a redução de emissão de carbono na atmosfera. Ao fazer a reivindicação em pleno horário de aula, Greta acabou incentivando o movimento de diversos jovens, em vários lugares do mundo, numa onda de protestos, materializada em greves escolares, que ficou conhecida como Sexta-feira pelo futuro (*Fridays for Future*). A projeção internacional alcançada por Greta fez com que ela ganhasse diversos prêmios, por meio de uma miríade de instituições, sendo reconhecida como Personalidade do Ano de 2019, pela revista *Times*. Além disso, discursou na Conferência das Nações Unidas pelas Mudanças Climáticas (COP 25), em 2019, juntou-se a outras jovens ativistas no Fórum Econômico Mundial (Davos, Suíça), em janeiro de 2020, e, por meio do ativismo *on-line*, especialmente do *Twitter*, tem colecionado uma legião de fãs e de desafetos.

A irrupção de Greta como um acontecimento na imprensa global e seu protagonismo em torno da questão tem gerado uma série de reações por parte de líderes políticos. O presidente dos EUA, Donald Trump, postou em sua conta no *Twitter*, em setembro de 2019, que “Ela [Greta] parece ser uma jovem menina muito feliz que está a caminho de um futuro maravilhoso e brilhante. Muito bom ver isso!”. Considerando a retórica de Trump e seu posicionamento negacionista em relação ao aquecimento global, a postagem constitui uma ironia. Greta rebate esse sarcasmo, mudando sua biografia no *Twitter* e inserindo a postagem do presidente

como uma descrição na rede social.¹ A ativista adota atitude semelhante quando o presidente do Brasil a chama de “pirralha”. Segundo Bolsonaro, “é impressionante a imprensa dar espaço para uma pirralha dessa daí. Uma pirralha”. Agindo assim, Greta “retoma a qualificação negativa que lhe é atribuída, reivindicando-a” (CHARAUDEAU, 2019, p. 467).

Na ciranda de ataques, podemos ainda mencionar a fala do secretário do Tesouro do governo estadunidense, Steven Mnuchim, ao ser interrogado sobre o pedido de Greta de que era preciso abandonar os combustíveis fósseis, durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Na voz do secretário: “Ela é a economista chefe? Depois de estudar economia na faculdade, ela pode voltar e explicar isso para nós.”²

Os três posicionamentos antes expressos coadunam com uma crítica à emergência de Greta, emoldurada a toda sorte de especulações e teorias da conspiração. Desse modo, a ativista é construída como uma marionete de grupos financeiros ligados à esquerda, como alguém que é incapaz de compreender os mais variados problemas dos países do mundo, pois pertence a uma classe social prestigiada de um país desenvolvido. Ao ser categorizada como “pirralha”, a fala de Greta é deslegitimada, se levarmos em conta o modo como culturalmente se construiu a figura da criança e do jovem, ou seja, são sujeitos incapazes e dependem da figura de um adulto para ter a voz validada. O paroxismo desses ataques pode ser observado no teor misógino de um comentário do radialista da rádio 96 FM de Natal/RN, Gustavo Negreiro. De acordo com o comunicador, Greta “está precisando de um homem, ou macho ou fêmea. Se ela não gosta de homem, que ela pegue uma mulher”³.

Por ser diagnosticada com Síndrome de Asperger, os *haters* atacam ferozmente Greta e a acusam de ser intelectualmente inapta, zombam de sua aparência física e estigmatizam a sua luta. Em suma, a jovem ambientalista é constantemente rechaçada nas mídias digitais, amplificando, assim, o raio de alcance da virulência com que os líderes

¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 8 mar. 2020.

² Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/secretario-do-tesouro-de-trump-ataca-greta-thunberg-em-davos/>. Acesso em: 8 mar. 2020.

³ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/radialista-ataca-ambientalista-greta-thunberg-de-16-anos-e-uma-histerica-e-precisa-de-homem-veja-video/>. Acesso em: 8 mar. 2020.

políticos a tratam. Por meio um de um imaginário anonimato incrustado na figura do internauta, os sujeitos, que são contrários à pauta defendida por ela, tendem a valer-se do insulto enquanto uma estratégia discursiva para se contrapor não somente no plano das ideias, mas, principalmente, no esteio de uma investida contra o sujeito Greta na sua integridade moral. Conforme nos lembra Sargentini (2017), o insulto serve para encerrar a possibilidade de argumentos, cancelar o encerramento do debate e encontrar justificativas de que o oponente não é capaz de entender, de pensar adequadamente e que, portanto, não merece ser ouvido. Isso fica evidente na fala do presidente do Brasil, quando se queixa do espaço concedido pela imprensa à Greta. Noutros termos, fica em relevo, no posicionamento do político em foco, que a ativista não é digna de atenção e, por extensão, as ideias que defendem não devem ser compartilhadas.

Ao pensarmos na produção da violência em discursos sobre Greta, é válido aventar as condições de possibilidade que fazem irromper dizeres contrários à preservação do meio ambiente, quando pensamos que aparentemente essa questão goza de certo consenso universal. Isso supõe rastreamos, na trilha de Wenceslau, Antezana e Calmon (2012), como as políticas ambientais dos últimos quarenta anos matizaram-se por uma gradação de saberes que vão desde o chamado sobrevivencialismo – a tese de que as demandas da humanidade precisam ser articuladas ao caráter finito dos recursos naturais – até o radicalismo verde, que aposta em mudanças mais estruturais na sociedade e na cultura, as quais não envolvem somente a propalada fórmula do desenvolvimento sustentável, mas pautas que buscam assegurar a justiça ambiental, a relação entre gênero e ecologia (ecofeminismo cultural), a ecoteologia (atitude contemplativa e cultural e o asfatamento do regime judaico-cristão), o estilo de vida verde, o ecocomunitarismo, dentre outras tendências.

Vale frisar ainda que entre o sobrevivencialismo e o radicalismo verde coexistiram uma série de outros discursos, como o racionalismo econômico, assinalado pelo capitalismo liberal que, segundo Wenceslau, Antezana e Calmon (2012), destaca-se pelo interesse em privatizar os recursos naturais e inseri-los nos interesses do mercado, pois, somente assim, a conservação ambiental lograria êxito, e o discurso da sustentabilidade o qual, dentre suas várias vertentes, procura aliar o cuidado com o meio ambiente com o desenvolvimento econômico. As políticas públicas ancoradas nesse discurso esforçam-se em mostrar que o meio ambiente está intrinsecamente relacionado aos sistemas econômicos

e sociais. Nessa via, o desenvolvimento ambiental caminha lado a lado com o desenvolvimento econômico e social. Em maior ou menor grau, todos esses discursos coadunam com os mais diversos acordos, pactos e conferências ambientais internacionais já realizados, principalmente pela Organização das Nações Unidas (ONU). Não podemos nos furtar em citar a Conferência de Estocolmo, em 1972, a Eco-92, sediada no Rio de Janeiro, tendo como desdobramentos a Rio +10, em 2002, e a Rio +20, em 2012, e acrescentar ainda o papel desempenhado pelos relatórios do Painel Intergovernamental de Mudanças climáticas (IPCC), instrumento criado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ONU Ambiente), com o intuito de sintetizar e divulgar informações sobre as mudanças climáticas e o aquecimento global.

Essas estratégias governamentais parecem construir o efeito de consenso de que falamos anteriormente, tendo em vista que variados setores da sociedade tomam a pauta ambiental como uma verdade da qual há não como escapar. Disso resulta, por exemplo, a responsabilidade socioambiental no funcionamento das empresas e corporações (SOUZA; VALADÃO JÚNIOR; MEDEIROS, 2017), além da atuação das múltiplas organizações sociais, como ONGs, cooperativas, sindicatos e associações na preservação ambiental. Ademais, o campo da educação não passa incólume a esse quadro, se pensarmos na miríade de projetos, metodologias e trabalhos que defendem a instituição escolar como uma instância privilegiada no processo de conscientização ambiental, de constituição de uma responsabilidade com o meio ambiente. Noutros termos, o discurso de preservação ambiental é heterogêneo e atravessa todo o corpo social, através de relações de saber-poder (FOUCAULT, 2006) e de controle dos processos biológicos no planeta.

Nesse sentido, a circulação pletórica de discursos acerca do aquecimento global na mídia é um sintoma do quadro social que se esboça. Tais discursos foram intensificados por meio do documentário *Uma verdade inconveniente* (2006), de Al Gore, o qual reacende o debate que já vinha sendo travado anteriormente, dando toques de uma visibilidade midiática que veio a calhar. Ou seja, a pauta ambiental tempera-se com um sabor apocalíptico: “Se você ama o seu planeta, se você ama seus filhos, precisa assistir a esse filme”, dirá o trailer desse produto audiovisual. No entanto, pensando com Foucault (2009), que o discurso se enlaça ao desejo e ao poder, as reações a essa emergência

discursiva não tardaram, pois já estavam sendo ensaiadas por certas instâncias sociais que se veem ameaçadas com o discurso de preservação do meio ambiente.

Como exemplo, podemos citar as indústrias de combustíveis fósseis e as termoelétricas, as quais, ao serem demonizadas pela ciência climática como responsáveis pelo aquecimento global, criam controvérsias que põem em xeque a credibilidade do saber científico e a real contribuição antropogênica para o aquecimento do planeta. Essa negação da ciência é denominada por Proctor (2008) de agnotologia, ou seja, o estudo da ignorância. Em suma, a agnotologia propõe-se a disseminar a dúvida em relação ao saber cientificamente produzido, de modo a desconfiar desse conhecimento, apostando que haveria interesses de ordem escusa na produção desse saber. Nessa medida, Oreskes e Conway (2010) frisam que se trata de “mercadores da dúvida”, os quais semeiam a controvérsia de modo desordenado, pois, não se ancoram no debate científico, mas, sim, numa postura de negação da ciência.

Tal postura coaduna com a tônica da produção discursiva presente na rede digital, notadamente no campo do debate político no Brasil, desde o período das eleições de 2014. Assim, não parece precipitado antecipar que os posicionamentos discursivos que negam as mudanças climáticas encadeiam-se a uma rede de outros dizeres que buscam revisitar a própria história, particularmente no que toca ao regime militar brasileiro, e classificar, sob a égide de uma infinidade de teorias conspiratórias, os veículos de imprensa como sendo ligados à esquerda e ao “comunismo” e, com isso, combater o chamado “globalismo” e o “marxismo cultural”. Com a vitória de Bolsonaro na eleição de 2018, os comentários em torno dessas questões, antes circunscritos a uma vontade de verdade individual, ganharam, por assim dizer, uma chancela institucional, haja vista as regularidades na fala de ministros (Educação, Relações Exteriores e Meio Ambiente, por exemplo) do atual governo acerca desses fantasmas que devem extirpados. Conforme Roque (2020), vive-se um momento histórico em que a própria ciência está posta em xeque, em função de convicções pessoais e experiências vividas. Roque (2020) cita como exemplo um levantamento feito pelo Wellcome Global Monitor, em 2018. O estudo atesta que 23% da população brasileira mostra-se cética em relação à ciência e à tecnologia, pois acredita que a ciência não o beneficia pessoalmente e nem a maioria da sociedade. Outro dado importante nesse cenário de desconfiança do saber científico

diz respeito à correlação entre ciência e religião. Ainda de acordo com o levantamento mencionado, 75 % dos entrevistados afirmam que, quando a ciência discorda da religião, a crença se concentra nesta última.

Em termos mais específicos, compreendemos que as condições de possibilidade que garantem a existência de dizeres violentos acerca de Greta Thunberg encontram-se intimamente relacionadas à conjuntura política do Brasil hoje, marcada pela agressividade, pelas *fake news* e por uma virulência *on-line* que se entranha aos mais vastos mecanismos de insulto, difamação e cólera, pincelados, no caso de Greta, com traços de misoginia e intolerância ao protagonismo juvenil no campo do político.

Diante do exposto, o objetivo deste texto consiste em analisar a produção da violência em discursos sobre Greta Thunberg materializados em comentários *on-line* no site Uol. Para isso, descrevemos e interpretamos as posições enunciativas desses comentários e as relações de saber-poder que, pela via do insulto, buscam desqualificar a imagem e a atuação da ativista Greta, produzindo verdades sobre esta. A escolha por comentários *on-line* efetuou-se em virtude de estes serem um espaço em que o sujeito pode expressar suas reações frente às instâncias que são institucionalmente legitimadas para enunciar e, além disso, dada a ilusão de um anonimato que ainda persiste no imaginário dos usuários da rede, o comentário oportunizaria ao sujeito mostrar-se sem quaisquer resquícios de polidez e recato, podendo angariar apoio de demais usuários, ao se mostrarem supostamente autênticos e sem disfarces.

O estudo em tela segue a proposta investigativa de Foucault, cujas inflexões configuram dos estudos discursivos foucaultianos, através de conceitos basilares como enunciado, discurso, formação discursiva, prática discursiva, saber, poder e verdade. Buscamos, nesta pesquisa, problematizar a irrupção de discursos violentos acerca de Greta Thunberg conforme o olhar arqueogenealógico de análise, dado que a descrição e interpretação das posições enunciativas e as relações de saber e poder comportam o trabalho arqueológico, de escavação das diversas camadas dos saberes, e genealógico, de compreensão do funcionamento das estratégias de poder por meio da história.

Metodologicamente, seguimos uma abordagem descritivo-interpretativa de natureza qualitativa. Para isso, organizamos duas séries enunciativas, nas quais analisamos quatro comentários em cada uma delas. A organização da série enunciativa segue a perspectiva teórico-metodológica de Foucault (2010), segundo o qual é possível

agrupar, distribuir enunciados para que se possa pensar como se produz determinados objetos de discurso. Em suma, ao assumirmos que os enunciados acerca de Greta Thunberg constituem objetos de discurso, podemos encontrar determinadas regularidades as quais delineiam os eixos temáticos das séries.

Para efeitos de organização retórica, o artigo estrutura-se da seguinte forma: além destes comentários de viés introdutório, apresentamos, na seção a seguir, uma discussão sobre os conceitos foucaultianos que serão demandados para o exame do *corpus*; em seguida, mostramos o tratamento analítico dispensado aos comentários *on-line* e, finalmente, o tópico conclusivo se propõe a tecer um efeito de fim para as reflexões desenvolvidas aqui.

2 Um recorte teórico da obra foucaultiana

Antes de adentrarmos na discussão sobre a teoria de Foucault, convém pontuar brevemente acerca dos estudos discursivos foucaultianos. A proposta de pensar os fenômenos do discurso no campo da área de Letras e Linguísticas sob a mirada de Foucault remonta ao pioneirismo do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), coordenado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin, na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em Araraquara, São Paulo, que há mais de vinte anos tem desenvolvido uma pluralidade de pesquisas e formado diversos profissionais, os quais atuam em distintas regiões do país. De acordo com a informação que consta no *blog* do grupo, os trabalhos desenvolvidos “[...] têm o objetivo de discutir as bases epistemológicas e teórico-metodológicas da Análise do Discurso, com ênfase nas contribuições de Michel Foucault” (GEADA, 2017, s.p). Um fato importante para essa vertente dos estudos foi a criação, em 2018, do Grupo de Trabalho (GT) de Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF) na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll).

Feita essa breve apresentação, iniciamos as elucubrações teóricas, tomando como bússola os comentários de Sargentini (2019), para quem a atualidade do pensamento de Foucault não advém de uma aplicação direta de modelo teórico-analítico que, em tese, seria um arsenal concluído e pronto para uso, mas principalmente da possibilidade de iluminar os modos de pensar, de questionar o presente, de modo a tornar visível o que

está visível. Nas palavras da autora, “[...] De uma perspectiva do discurso, incita a buscar os sentidos nos enunciados efetivamente enunciados e não supostamente escondidos e subjacentes” (SARGENTINI, 2019, p. 45). Pensar com Foucault redundava em problematizar práticas e discursos no interior das coisas que foram realmente produzidas numa dada circunstância social e histórica.

A arqueologia foucaultiana não se propõe a rastrear a origem, a tradição e a evolução de um saber, por uma via psicologizante ou pelo retorno a um sujeito transcendental e a uma teleologia; ao contrário, assinala-se pelas descontinuidades, pelos cortes, rupturas e transformações. O autor tece uma crítica à História tradicional que transforma os monumentos do passado em documentos os quais alienavelmente constroem certa verdade objetiva e desprendida da subjetividade do historiador. Na voz do autor: “[...] a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar em benefícios das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2010, p. 6). Para se contrapor a essa perspectiva, Foucault (2010) aproxima-se da Nova História, tendo em vista que esta tende a transformar os documentos em monumentos e, com isso, mostra que não há uma transparência em tais documentos e que o saber é historicamente construído por meio de rupturas, séries, cortes e remanências. Assim, Foucault (2010) busca na arqueologia analisar os discursos enquanto práticas que surgem em determinados momentos da história por meio de condições de possibilidade que não se confundem com uma vontade individual de um historiador, com uma relação linear entre causa e efeito, mas como um sistema de dispersão relacionado a vontades de saber e de verdades produzidas por relações de poder. Daí Foucault reconhece que “poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento” (FOUCAULT, 2010, p. 8).

O discurso em Foucault (2010) é compreendido como um conjunto de enunciados que provêm de uma mesma formação discursiva. Trata-se de uma prática que constrói os objetos de que fala e irrompe enquanto um acontecimento numa dispersão temporal “que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado, até nos menores traços, escondido bem longe dos olhares, na poeira dos livros” (FOUCAULT, 2010, p. 28). A análise do campo discursivo, conforme o autor, postula compreender o enunciado, entendido como o átomo do discurso, na estreiteza e singularidade de sua aparição, na compreensão

de suas condições de existência, na fixação de seus limites, na correlação estabelecida com os outros enunciados, cuja relação pode ser de adesão e/ou exclusão, de memória e de transformação. A pergunta formulada por Foucault (2010), para dar conta dessa tarefa foi assim expressa: “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?”.

Para isso, é importante destacar que, consoante a proposta teórica foucaultiana, o enunciado é a unidade elementar do discurso e se diferencia de outras categorias como a frase, a proposição e o ato de fala, pelas seguintes características: i) o enunciado não se submete a uma estrutura canônica do tipo sujeito-ligação-predicado nem se ancora em elementos gramaticais que constituem a frase; ii) o enunciado não se encaixa nos modelos de verdade e/ou falsidade os quais delineiam o funcionamento lógico das proposições; iii) o enunciado não exhibe a intenção de um sujeito falante e/ou as condições de efetivação ou não de um ato de fala. Trata-se, na perspectiva do autor francês, de conceber o enunciado como uma função que cruza diferentes domínios, entre os quais se podem incluir a frase, a proposição e o ato de fala, e diz respeito à existência dos signos.

A função enunciativa é caracterizada pelas seguintes propriedades: i) referencial – que não se constitui por coisas, fatos ou realidades, “mas leis de possibilidade, regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 2010, p. 103); ii) posição de sujeito – o enunciado mantém uma posição bem singular com o sujeito que enuncia; todavia, não se trata do sujeito empírico nem o autor como instância criadora, mas uma posição que precisa ser assumida no enunciado; iii) domínio associado – relações do enunciado com outros já ditos e com os que ainda serão ditos num campo adjacente; iv) materialidade repetível – o enunciado precisa inscrever-se no âmbito de um suporte material, de um local, de uma data, de um regime complexo de instituições que possibilita a repetição, a transcrição e circulação.

A análise enunciativa subsidia-se através de alguns princípios, quais sejam: i) princípio da raridade – considerando que nem tudo pode ser dito, o enunciado apresenta um efeito de raridade e a análise encarrega-se em “determinar qual princípio segundo o qual fizeram aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados” (FOUCAULT, 2010, p. 135); ii) princípio da exterioridade – apreender o enunciado em sua

própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu, sem, com isso, incorrer numa busca por uma interioridade constitutiva, mas pensar a exterioridade numa relativa raridade, numa vizinhança lacunar com acontecimentos discursivos que não se referem a um sujeito individual, a uma consciência coletiva, nem uma subjetividade transcendental; iii) acúmulo – princípio que permite conceber as transformações do enunciado no decorrer do tempo, tendo em vista a remanência, ou seja, o fato de os enunciados serem conservados devido a uma série de técnicas, suportes materiais e modalidades estatutárias e a aditividade, isto é, “os tipos de grupamentos entre enunciados sucessivos não são sempre os mesmos e não procedem jamais por simples amontoamento e sucessão de elementos sucessivos” (FOUCAULT, 2010, p. 140), bem como a recorrência, definida como a característica do enunciado de remeter a elementos antecedentes num campo enunciativo; iv) positividade – é o princípio a que se chega quando se procede a todos os princípios antes arrolados. Na consecução da análise enunciativa, lidamos com a descrição das regras de constituição de uma formação discursiva, entendida por Foucault (2010) como um conjunto de regularidades de objetos, escolhas temáticas, conceitos, tipos de enunciação que pode ser flagrado no regime de dispersão a que a produção dos discursos está submetida.

Para descrever a formação discursiva, Foucault (2010) propõe que se analise a descrição das unidades discursivas, a partir de quatro elementos, quais sejam: a formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e das estratégias. Para este estudo, centramos o foco na formação dos objetos e das modalidades enunciativas. Com relação à formação dos objetos, Foucault (2010) explica que é preciso investigar quais regimes de existência possibilitam a emergência de certos objetos de discurso e quais sistemas por meio dos quais os objetos de discurso podem suceder-se e se justapor, a fim de formar um campo enunciativo. Para isso, o autor postula a delimitação de três procedimentos metodológicos: i) superfícies de emergência – apontar onde os objetos de discurso podem surgir, para serem analisáveis, descritíveis e localizáveis segundo certos graus de racionalização e códigos conceituais. ii) instâncias de delimitação – a instância responsável por designar, nomear e instaurar um dado objeto de discurso; iii) grades de especificação – sistemas que proporcionam a classificação, a separação e o reagrupamento de objetos de discurso.

Em relação à formação das modalidades enunciativas, Foucault (2010) interroga sobre os seguintes aspectos: i) qual o estatuto do sujeito que fala? – o foco reside em problematizar que legitimidade o sujeito tem para enunciar e ter o seu dizer credibilizado; ii) em quais lugares institucionais o sujeito encontra subsídio para legitimar o dizer? – ao estudar o discurso clínico, Foucault (2010) define espaços como o hospital, a prática privada, o laboratório, a biblioteca e campo documentário como lugares através dos quais o profissional da medicina encontra legitimidade para seu discurso e onde encontra seus objetos específicos e pontos de aplicação; iii) que posições de sujeito definem-se em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos? – o foco incide em analisar a variedade de dispersões de posicionamentos enunciativos, tendo em vista que o discurso é “[...] um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2010, p. 61).

A descrição das unidades do discurso desemboca no processo de escavação das camadas que compõem o saber. Este é compreendido como tudo que pode ser dito num interior de uma prática discursiva, seja no que se refere às singularidades, às condutas, aos desvios e aos posicionamentos sobre um dado objeto, constatados no âmbito de uma prática discursiva, ou seja, um conjunto de regras anônimas e históricas que definem as condições de existência da função enunciativa. Dessa maneira, o saber não se restringe ao campo científico, pois “[...] não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (FOUCAULT, 2010, p. 221).

As discussões até aqui desenroladas situam-se na chamada arqueologia do saber. A partir de agora, o interesse volta-se para a genealogia do poder, embora concordemos que a relação entre saber e poder, na trajetória intelectual de Foucault, é indissociável, pois, segundo a leitura de Machado (2017, p. 37), “a formação de domínios do saber [ocorre] a partir das relações de poder”. Nessa medida, a relativa separação que empreendemos visa tão somente a questões de ordem didática e de organização das informações textuais. Nessa lógica, convém pensar que, por meio de um acento nietzschiniano, o pensamento de Foucault recusa toda forma de origem, de tradição e de evolução. Nessa lógica, há um distanciamento de uma perspectiva que considere a ordem e a continuidade dos fatos históricos, mas, antes, a defesa da descontinuidade, dos recortes e das singularidades. Na voz de Foucault (2008, p. 16),

[...] a genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe à história, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias.

Dessa maneira, ao propor uma genealogia do poder, as reflexões do pensador francês não se propõem a rastrear uma origem para o poder, o grau zero do qual o poder teria emanado, mas investiga as diversas práticas que delineiam o exercício do poder no transcorrer da história. Ao fazê-lo, Foucault (2006) compreende o poder por meio de relações as quais ocorrem de maneira capilar e são consideradas produtivas, destituindo-se, assim, o poder de análises que o situam no campo do Estado e da dominação, pois o exercício do poder transpassa por múltiplos circuitos e, se conforme Foucault (2006), cada um é, de algum modo titular de um certo poder, faz esse poder ser veiculado numa trama descontínua e cambiante. Ainda para o autor, o poder não se restringe apenas à replicação das relações de produção, pois, se por um lado, incita, disciplina, coíbe, por outro, incentiva, exercita e produz, levando os sujeitos a aderirem a certos padrões de condutas ou deles se afastarem. Conforme Foucault (2008, p. 148) a positividade do poder deve-se justamente ao fato de ele não apenas reprimir, excluir e censurar, pois se assim o fosse o poder seria frágil e “[...] se ele é forte, é porque produz efeitos positivos ao nível do desejo – como se começa a conhecer – e também ao nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz”.

De acordo com Foucault (1995), o poder designa relações entre parceiros, o que significa afirmar que o poder se exerce sobre homens livres, os quais têm a possibilidade de resistir. Nas palavras do pensador, não há um poder maciço, difuso, concentrado ou distribuído, não é da ordem do consentimento ou da transferência de direito, mas “uma ação sobre a ação, sobre ações e imediatamente sobre os outros, mas age sobre sua própria ação” (FOUCAULT, 1995, p. 200). Essa liberdade de que fala Foucault (1995) é o que garante a possibilidade de diversas condutas, variadas reações e múltiplos modos de comportamentos, ou seja, a liberdade é condição de existência para o exercício das relações de poder. Além disso, gera possibilidades de resistências, as quais coexistem com as tecnologias de poder, numa relação de contiguidade e não exatamente de confronto e anulação. Quer dizer, o poder e a resistência se retroalimentam e “nunca se pressupôs o fim do poder, pelo contrário, como a resistência é parte do poder, ao resistir não se destrói ou anula o

poder, mas se contribui para que seja recriado, deslocado, reinstaurado em novas bases” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p. 212).

Para Foucault (1995), a análise das relações de poder pressupõe os seguintes pontos: i) os sistemas de diferenciações – que permitem agir sobre a ação dos outros por meio de determinados mecanismos responsáveis por operar distinções de ordem jurídica, tradicionais, estatutárias, linguísticas, culturais, dentre outras; ii) os tipos de objetivos – as ações são pautadas através da perseguição de certas finalidades, como manutenção de privilégios, concentração de lucros, exercício de uma função ou profissão; iii) as modalidades instrumentais – referem-se ao fato de o poder ser exercido por meio de uma diversidade de instrumentos como a ameaça de armas, a palavra, as disparidades econômicas, os sistemas de vigilância, entre outros; iv) as formas de institucionalização – distribuem-se entre dispositivos tradicionais, estruturas jurídicas e instâncias de controle e princípios de regulação das relações de poder numa dada conjuntura social; v) graus de racionalização – procedimentos ajustados que garantem o exercício do poder que conjura as eficácias dos instrumentos e/ou a função dos eventuais custos, sejam econômicos ou em termos de reação advinda das possibilidades de resistência.

Esses pontos estão intrinsecamente articulados com a produção da verdade. Conforme Foucault (2008), a verdade está longe de ser um conceito de natureza transcendental e imanente, pelo contrário, é produzida através de relações de saber e de poder de cada momento histórico. Assim, “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentadores do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 12). Seguindo as teorizações foucaultianas, iremos observar que, em cada época, há uma espécie de política geral da verdade, definida a partir dos tipos de discurso que são considerados verdadeiros, os diversos mecanismos e instâncias que possibilitam diferenciar os discursos verdadeiros dos falsos, além das técnicas e procedimentos responsáveis pela obtenção da verdade e o estatuto dos sujeitos que têm a legitimidade de atribuir a verdade a um dado grupo de discursos.

Nessa perspectiva, Foucault (2009) fala-nos da vontade de verdade como um princípio através do qual se pode distinguir o verdadeiro de uma época, a partir de procedimentos que visam a controlar os discursos existentes num determinado tempo histórico. São procedimentos de exclusão, os quais segundo Foucault (2009), decanta

e separa os discursos verdadeiros dos falsos, especialmente pela via de um suporte institucional, como bibliotecas e laboratórios. Em suma, a vontade de verdade exerce uma espécie de pressão e de coerção sobre os variados discursos que circulam na sociedade. No momento de escrita deste texto, o mundo vivencia uma pandemia proveniente do novo coronavírus (Cod-19) e a vontade de verdade do saber médico busca exercer um poder de coerção sobre a quantidade exponencial de notícias falsas acerca do vírus, de sua transmissão e profilaxia. O saber médico, institucionalmente constituído através das políticas sanitárias, esforça-se em construir um discurso verdadeiro acerca da doença e, ao fazê-lo, deslegitima o discurso das *fake news*. Tem-se, pois, tecnologias de poder “que criam saberes ou possibilitam a emergência de novos saberes na relação com essas técnicas de poder” (GALLO, 2013, p. 379), as quais se ocupam em exercer uma espécie de governo na seara de uma política de produção da verdade.

Para Foucault (2002, p. 8), as práticas sociais podem engendrar novos “domínios do saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos do conhecimento”. Isso ocorre a partir do funcionamento de relações de saber-poder amparadas em regimes de verdade, por meio dos quais se erigem certos comportamentos e subjetividades. Quando pensamos, por exemplo, na constituição dos discursos acerca do aquecimento global, balizados especialmente pelo saber da climatologia, é possível entrever a emergência de comportamentos sociais voltados ao cuidado com o meio ambiente, seja no que se refere aos hábitos de consumo, aos meios de locomoção, à proteção das florestas, seja no tocante apelo por um estilo de vida conectado à problemática do clima. Irrompe, pois, subjetividades vigilantes em relação ao cuidado com o planeta, tendo em vista as vontades de verdade oriundas do saber da climatologia. Nos termos de Foucault, há a constituição de um sujeito do conhecimento a respeito da questão socioambiental. Para o autor, “[...] as condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito do conhecimento, mas aquilo através do que se formam os sujeitos do conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade” (FOUCAULT, 2002, p. 27). Veremos adiante como a aparição de Greta Thunberg no debate em torno do meio ambiente a configura como um sujeito atravessado por relações de saber-poder, por processos e lutas que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento

(FOUCAULT, 1999). Todavia, é relevante frisar que importa ponderar sobre a irrupção de Greta não enquanto um sujeito empírico, embora diversos discursos nos comentários *on-line* ataquem a face da ativista, mas convém pensar na função que esta ocupa como um sujeito discursivo, a partir de uma posição que é assumida no campo do debate político.

3 Violência em rede: Greta Thunberg no “tribunal da cólera cotidiana”

Freire Filho (2014, p. 1) utiliza a expressão “tribunal da cólera cotidiana” para caracterizar a *internet* como um arquivo formidável das mais vastas emoções. O autor defende que, das mais diferentes plataformas da *web*, brotam discursos conflitantes sobre a motivação, a legitimidade e as demonstrações públicas de fúrias. O foco de Freire Filho incide em vídeos e comentários do *YouTube*. Apesar de este texto não analisar discursos provenientes de tal plataforma, consideramos pertinente a categorização de Freire Filho (2014), pois este caráter violento se espalha noutros espaços da rede digital e fornece ingredientes necessários para analisarmos, conforme a metáfora do tribunal, como os discursos advindos destes espaços são assinalados pelos efeitos de acusação, defesa e condenação. Os recortes que estabelecemos abarcam dizeres que se valem principalmente do insulto como estratégia discursiva para a construção de discursos que geram a violência verbal. Para Charaudeau (2019, p. 446), a violência verbal “vem de um ato de linguagem pelo emprego de certas palavras, estruturas ou expressões capazes de ferir psicologicamente uma pessoa diretamente dirigida ou em posição de terceiro”. O insulto e termos correlatos como injúria e ofensa, conforme Charaudeau (2019), materializam a violência por meio da linguagem verbal.

De modo semelhante, Burke e Porter (1997) destacam que em toda cultura há termos que podem ser potencialmente insultuosos e isso dependerá de características que estes termos assumem quando são produzidos em situações específicas. Nessa perspectiva, Charaudeau (2019) faz um apanhado assaz didático acerca da violência verbal e ressalta que o efeito adquirido pelas palavras na relação com a situação em que são empregadas e, nessa perspectiva, haveria palavras violentas que nem sempre são insultantes e o insulto nem sempre ocorre através de palavras grosseiras e violentas. No primeiro caso, Charaudeau (2019)

exemplifica que, quando uma mãe diz ao filho, em tom carinhoso “Venha aqui, sua carinha feia”, ela, apesar de usar termos violentos, produz o sentido de afeição; no segundo caso, o autor ilustra a partir de construções como “Você só saber repetir a mesma coisa!”, a qual, embora não contenha termos grosseiros, mostra-se insultante, ao caracterizar o sujeito a que se refere como incapaz.

Feita essa breve incursão, passemos para a análise dos comentários *on-line*, produzidos em virtude da publicação das seguintes notícias no *site* Uol: “Greta diz que índios brasileiros foram assassinados por tentar proteger florestas” (8/12/2019), “Bolsonaro chama Greta Thunberg de pirralha após ativista falar sobre a morte de índios” (10/12/2019) e “Greta Thunberg põe pirralha no perfil do *Twitter* após fala de Bolsonaro” (10/12/2019). Vejamos que a materialidade repetível das notícias encadeia-se numa teia enunciativa que engloba a fala de Greta sobre os índios assassinados no estado do Maranhão, o insulto de Bolsonaro e a consequente reação de Greta, num intervalo temporal de dois dias. Para conferirmos um tratamento analítico aos comentários, dividimos em dois blocos. No primeiro, analisamos os comentários que constroem discursivamente Greta como uma figura manipulada, um fantoche a serviço de grandes empresários com viés político de esquerda e, no segundo, a desqualificação de Greta partindo de um viés que a ofende de modo mais pessoal, a partir dos aspectos físicos, da condição feminina e de ter Síndrome de Asperger. Certamente que esses dois modos de enunciar sobre Thunberg estão entrelaçados, ocorre que, ao fazermos esse recorte, visamos investigar a existência de regularidades discursivas as quais orientam o olhar analítico.

Vejamos o primeiro bloco de comentários.

Comentário 1

Está (*sic*) menina está mais para atriz, só que desequilibrada. Coitadinha. Manipulada por ONGs e governos ensaiou expressões de impacto como... “roubaram meus sonhos”.⁴

⁴ Optamos por não inserir o nome dos sujeitos que postam nos comentários, mesmo sabendo que tais nomes nem sempre são reais. Comentário disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Comentário 2

Um dos espetáculos mais deprimentes já vistos naquele fórum. No fundo, é digna de pena, por estar sendo inescrupulosamente manipulada pelos pais e seus igualmente inescrupulosos parceiros de negócios “climáticos”.⁵

Comentário 3

Essa Greta é uma fraude, fabricada por interesses que ninguém sabe quais são! Uma jovens pirralha mesmo, mimada e que nunca realizou nada na vida, filha de pais ricos de um país de 1º mundo, vaga pelo mundo com a bandeira de ativista, vive uma vida fútil, habilidosa para apontar os problemas do mundo, mas incapaz de indicar uma alternativa de solução, apenas discursos vazios pautados em opiniões que nem dela são! Bela garota!!⁶

Comentário 4

Eu morro de dó - muito dó desta menina. Coitada! Tomara que ela nunca perceba que foi transformada (e usada como!) em prosélito esquerdistoide... porque senão sofrerá muito! Judiação! E que pais oportunistas ela tem...⁷

De acordo com Amossy (2014), os internautas, ao se valerem de pseudônimos, encontram um terreno fértil para insultar, sob a ilusória existência de uma máscara que os protegeria de possíveis sanções normativas. Seguindo essa lógica, os posicionamentos expressos nos comentários buscam minar a atuação de Greta Thunberg, partindo do princípio de que ela não é responsável pelo que faz, causando, assim, efeitos de repulsa (“espetáculo mais deprimente”, “mimada”, “nunca

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/12/08/greta-thunberg-diz-que-indigenas-foram-assassinados-por-tentar-protoger-florestas.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

fez nada na vida”), de piedade (“muito dó desta menina”, “digna de pena”, “coitadinha”) e de ironia (“Bela garota”). Esses efeitos permitem pensarmos em como Greta Thunberg é constituída como um objeto de discurso. Conforme foi discutido no tópico anterior, um objeto de discurso necessita ter uma superfície de emergência e, no caso em análise, tal superfície exprime-se na associação entre a atuação de Greta e um suposto financiamento por parte de políticos que a utilizam como uma marionete. Disso resulta o descrédito da posição de sujeito dos comentários, para quem a ativista é, sobretudo, vítima, pois jovem e inexperiente é manipulada por grupos com interesses escusos (“que ninguém sabe quais são”), em comum acordo com os seus pais. Vale ressaltar a frequência com que a figura de Greta é associada, por meio de boatos, ao bilionário George Soros, por meio da *Open Society Foundations*, criada com o objetivo de apoiar organizações e indivíduos que lutam pela liberdade de expressão, justiça e igualdade.⁸

Assim, no primeiro comentário, tem-se uma posição segundo a qual Greta apenas representa, encena o que lhe é anteriormente repassado (“ensaiou expressões de impacto”, “opiniões que nem dela são”), não sendo sincera, porquanto mente e engana. Ao referir-se à participação de Greta na Cúpula do Clima, o sujeito do segundo comentário qualifica o episódio como sendo “deprimente” e retoma um fragmento da fala de Greta com tom de deboche (“roubaram meus sonhos”); essa posição também é partilhada no terceiro comentário, quando afirma que se trata de uma “fraude”, bem como no quarto comentário, em que o sujeito enunciador assevera que Greta “foi usada”. Atravessando esses posicionamentos, os discursos sinalizam que não há uma explicação racional a qual possa explicar a midiatização de Thunberg a não ser a ligação dela com instituições cujos interesses são misteriosos. O terceiro comentário é incisivo em explicitar que Greta, na medida em que vive com o conforto de um país desenvolvido, não encontraria respaldo para militar acerca do meio ambiente. Ou seja, a fala dela não deve ser levada a sério, já que “nunca realizou nada na vida”. Sobre esse aspecto, vale citar o exemplo de um meme que circulou nas redes sociais digitais, após a participação de Thunberg na abertura da Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), em dezembro de 2019. O meme

⁸ Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/newsroom/open-society-foundations-and-george-soros/pt>. Acesso em: 10 mar. 2020.

surgiu a partir de um compartilhamento no Twitter feito pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, na época, filiado ao Partido Social Liberal (PSL), que consiste numa montagem de uma fotografia em que a ativista aparece fazendo uma refeição em um trem e da janela vê-se crianças africanas com aspecto de desnutrição. A montagem foi fabricada a partir de um registro fotográfico de Greta num trem na Dinamarca e na janela aparecem árvores. O efeito advindo da montagem é de que a ativista é hipócrita ao afirmar que “roubaram seus sonhos” no evento da ONU, já que mantém uma vida confortável, enquanto outras crianças passam fome. Se pensarmos nos sistemas de diferenciação de que fala Foucault (1995), flagramos que o funcionamento da verdade a partir de Thunberg não cumpre os requisitos de uma distinção que a tornaria autorizada a ter seu dizer qualificado.

Nesse aspecto, Greta é discursivamente constituída como um sujeito a quem não se deve dar ouvidos, em conformidade com a fala de Bolsonaro, ao chamá-la de “pirralha”. Uma vez que se trata de uma mentira, as posições se dispersam, na formação das modalidades enunciativas, em desmascará-la, como no terceiro comentário, ou em sugerir que ela nunca se dê conta de que foi usada, como no quarto comentário. De qualquer modo, a ativista é insultada por ter sua luta desacreditada e mostrar-se indigna de ocupar certos espaços sociais e decisórios de poder, como o da Cúpula do Clima e o Fórum Econômico Mundial e, assim, os comentários vão construindo determinadas verdades sobre Greta e sobre o ambientalismo enquanto uma prática social e política. Ao pensarem de modo distinto do discurso ambiental, esse radicalismo compreende o outro como “pessoas doentes que precisam ser corrigidas como indivíduos desviantes” (DUNKER, 2017, p. 279).

Vimos, a partir da apreensão dos enunciados em sua exterioridade, a irrupção de posicionamentos responsáveis por assumirem um saber sobre Greta Thunberg – ela não age por vontade própria, dado que é comandada por outros – e, com isso, incitam determinadas relações de poder, pois, uma vez detectada a fraude, convém dela se afastar. A posição que enuncia condena, conforme destacamos na alusão da *web* como tribunal (FREIRE FILHO, 2014), não apenas as atitudes de Greta, como também a dos seus pais, pois estes seriam coniventes com a situação. Noutras palavras, as relações de poder que envolvem pais e filhos são revisitadas no funcionamento discursivo dos comentários. Nesse sentido, o quarto comentário evidencia que a ativista irá sofrer quando descobrir

que foi usada pelos seus próprios pais (“pais oportunistas”). Ressoam nesses dizeres vestígios de uma prática que exclui certos sujeitos de terem seus discursos aceitos como verdadeiros (FOUCAULT, 1995), em função de não apresentarem um estatuto que os autoriza a enunciar com credibilidade. No caso de Greta, tem-se a ausência de maturidade articulada com a má fé dos pais que induzem a filha a mentir e a ludibriar, com vistas a angariar fama e dinheiro, através de “inescrupulosos parceiros”. Nas palavras de Foucault (1999, p. 28), “[...] a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder”.

No segundo bloco de comentários, a seguir expresso, os discursos anti-Greta recaem sobre a aparência física, a condição feminina e o fato de ter Síndrome de Asperger.

Comentário 5

Duvido muito que seja ela mesmo (sic) que administre suas redes sociais, visto que seu intelecto é limitado. Vide as perguntas daquele jornalista e ela como não tinha o texto pronto estrangida não soube responder repassando as perguntas, ela é uma marionete patética dos progressistas!⁹

Comentário 6

Esta menina com sérios problemas psicológicos está sendo usada para atacar aqueles que ousam desafiar os esquerdistas globalistas que querem impor o politicamente correto e subtrair do Brasil um terço do país, internacionalizando este pedaço para benefício das grandes potencias [...]¹⁰

Comentário 7

Ainda não arrumaram um namorado pra essa pirraia antipática¹¹

⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/12/10/greta-thunberg-poe-pirralha-no-perfil-do-twitter-apos-fala-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/12/10/greta-thunberg-poe-pirralha-no-perfil-do-twitter-apos-fala-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/12/08/greta-thunberg-diz-que-indigenas-foram-assassinados-por-tentar-protoger-florestas>.

Comentário 8

A expressão de ódio que essa fedelha tem quando fala diz muito sobre quem ela vai se tornar. Ninguém imagina mas o anti cristo pode ser “a” anti cristo.¹²

Os principais termos empregados para se referir à Greta, nos comentários, estão articulados à questão etária (“pirraia”, “fedelha”) e esse aspecto é reiteradamente reforçado como um elemento que constrói verdades sob as quais a ativista é discursivamente constituída como inapta, através de práticas que se intercambiam com as relações de gênero. Não bastasse o fato de ser “uma menina” e, por isso, inadequada para lidar com temáticas sérias, pois não é este o lugar culturalmente atribuído ao sujeito mulher, tem-se a construção de Greta como intelectualmente limitada, numa subentendida remissão ao fato de a ativista ter Asperger (comentário 1), pois apresenta graves problemas psicológicos (comentário 3), daí ser manipulada por outrem. Noutras palavras, a ativista, de acordo com os posicionamentos presentes nos comentários, no referencial do enunciado, caracteriza-se com um ser anormal, patológico e cuja aparência pavorosa encarna uma força diabólica (“pode ser a anti cristo”).

Segundo Safatle (2018, p. 293), “o patológico é designado a partir do normal, daí porque ele será normalmente descrito como distúrbio, transtorno, déficits em excessos”. O sujeito enunciadador, por meio de um saber, através da observação da fisionomia de Greta (“expressão de olho”) atesta a sua inimputabilidade e sua condição de anormal, razão pela qual ela se constitui uma espécie de arma de combate “aos que ousam desafiar os esquerdistas globalistas”, segundo o sujeito do comentário 6. Nesse direcionamento, Greta consistiria apenas numa peça de uma estratégia de poder mais intrincada, ou, nas palavras do comentário 5, “uma marionete patética dos progressistas!” e seria incapaz de administrar suas redes sociais, conforme o comentário 1, reforçando, assim, a imagem da ativista como uma espécie de ventríloquo com propósitos nefastos.

Considerada dessa forma, a luta empreendida por Greta é concebida como um plano internacional de dominação, o que destitui a

htm. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

sua importância e autenticidade. De acordo com a posição que enuncia no comentário 6, há uma agenda de implantação do “politicamente correto” e, diante disso, um projeto de internacionalização da Amazônia (“subtrair um terço do Brasil”), donde se pode concluir que o discurso ambiental é falacioso e oculta seus reais interesses. Discutimos no início deste texto como a aversão ao ambientalismo e a existência do negacionismo climático se ancora numa prática discursiva que incita a dúvida e a desconfiança. Na raridade enunciativa, essa prática faz-se presente na constituição do posicionamento do comentário 6, uma vez que, ao desmascarar Greta, o sujeito denuncia um projeto de poder de proporções globais mascarado na boa intenção da causa ambiental. De acordo com Roque (2020), esse posicionamento discursivo é tributário de um raciocínio segundo o qual, sob o disfarce das causas verdes, haveria um complô para diminuir a liberdade de compra dos cidadãos e, num limite, uma trama secreta com o fito de instaurar o regime comunista em todo o mundo.

Não é precipitado afirmar que o apoio irrestrito, por parte dos sujeitos enunciadores dos comentários, ao modo como Bolsonaro e Trump referiram-se a Greta, emolduram sob uma vontade de verdade alinhada ao espectro político da direita. E, levando em conta como essa polarização se efetua nas mídias digitais, vale frisar que as condições de existência dessa função enunciativa encontra-se atrelada de maneira prodigiosa ao amparo institucional que esses dizeres encontram respaldo. Basta pensarmos, por exemplo, na postura negacionista do presidente do Brasil no tratamento de elementos cardinais do meio ambiente, como o episódio dos incêndios da Amazônia, em 2019. Desde a dúvida incisiva em relação a dados oficiais das queimadas até as acusações de membros de organizações não-governamentais, como sendo os responsáveis pelos focos de incêndio, o que se pode observar foi a chancela institucional das vozes que brotam nos recônditos espaços dos comentários *on-line*. Essas vozes encontram certo respaldo para ofender Greta e qualquer outro ativista, pois a preocupação com o meio ambiente é desnecessária e não pode ser genuína e desinteressada, senão motivada por alguma vantagem pessoal e/ou financeira.

O comentário 7 encadeia-se à fala misógina de que tratamos na introdução deste texto. Recapitulando-a, o radialista Gustavo Negreiro disparou que Greta precisaria de “um homem, ou macho ou fêmea”. No caso do posicionamento discursivo do comentário, observamos uma

dada insinuação de que o interesse da jovem ambientalista poderia ser deslocado, caso ela arranjasse um namorado. Assim, ela iria esquecer a militância ambiental, pois não lhe convém, dado que se trata de uma mulher adolescente cuja meta de vida deveria ser outra. Para Foucault (2010), esse modo de enunciar ergue-se sob o funcionamento de uma instância de delimitação que, no caso em estudo, resguarda certos espaços e lugares para a atuação do sujeito mulher, instaurando e nomeando esse sujeito como um objeto de discurso. Ao romper a fronteira do privado e do domínio ao qual a mulher deveria se restringir, Greta é atacada (“pirraia antipática”), já que esta foge às normas sócio-historicamente estabelecidas, as quais envolvem gênero (o fato de ser uma mulher) e geração (o fato de ser adolescente). Ademais, o enunciado do comentário 7 é construído por meio de uma remanência, na medida em que traz à tona dizeres conservados ao longo do tempo acerca do sujeito mulher, através de uma vontade de verdade de cunho patriarcal, por meio do princípio do acúmulo, que resiste a despeito de todas as conquistas femininas do século passado e do começo deste, especialmente no tocante à participação no espaço da política. É justamente por estar neste espaço e “não brincando de boneca”, conforme sugerirá outro comentário, que Greta é ofendida.

Os dois blocos de comentários permitem-nos observar, na esteira de Charaudeau (2019), que nem todo discurso ofensivo corporifica-se no emprego de palavras e/ou expressões reveladoras de efeitos violentos em si, mas, sim, que é possível ofender através do uso de termos não violentos *a priori*. Nessa lógica, em enunciados como “morro de dó desta menina” (comentário 4), “duvido muito que ela administre suas redes sociais” (comentário 5), não se constata uma conotação, à primeira vista, ofensiva, porém, são dizeres que questionam a capacidade intelectual de Greta e demonstram uma certa piedade forçada em relação ao estado de minoridade da ativista e, portanto, atestam a sua inabilidade. Esses posicionamentos deixam flagrar a constatação segundo a qual se a ativista é mentalmente inabilitada, porquanto forjada no seio de intenções obtusas, todo o protagonismo da jovem é desacreditado e o discurso ambiental, por sua vez, é desmontado.

4 Conclusão

Conforme uma notícia que circulou no *site* da BBC Brasil, em março de 2020, uma jovem alemã de 19 anos chamada Naomi Seibt¹³ apresenta-se como a voz dos céticos do clima e, ao se aproximar de grupos conservadores dos EUA, autodenomina-se de anti-Greta. Segundo a alemã, “[...] durante anos fui alarmista ambiental. Acreditava que toda essa narrativa de que as mudanças climáticas estavam destruindo o planeta [...] mas depois fui pesquisar um pouco, decidi que já tinha própria e sólida visão sobre o assunto”. O fato de ter compactuado com o chamado “alarmismo ambiental” levou Seibt a adquirir um *status* de autoridade para discordar de tal ponto de vista, o qual foi convertido para “uma visão própria e sólida”, de modo a supor que a visão anterior, em alguma medida, fora-lhe imposta. A existência de uma anti-Greta mostra-nos um embate de verdades acerca da causa ambiental numa espécie de disputa de narrativas acerca da questão. Assim, ou se afirma a premência na resolução dos problemas do meio ambiente, na visão em que se pauta Greta, ou se nega esse alarmismo, conforme a percepção de Naomi.

Essa polarização encontra eco na emergência dos discursos analisados neste artigo, no sentido de que os comentários, ao atacarem a figura de Greta, demonstram um determinado desinteresse atinente à causa verde. Nessa medida, investigamos principalmente como os comentários produzem a violência em torno da imagem de Greta, a partir do exame dos posicionamentos enunciativos, das relações de saber-poder e da constituição de verdades acerca da ativista sueca. As posições de sujeito dos enunciados estudados enredam-se, num domínio associado a outros posicionamentos que, em maior ou menor grau, reduzem a relevância de Greta Thunberg e seu ativismo ambiental, presentes, por exemplo, no modo como certos governantes a tratam, notadamente o presidente dos EUA e do Brasil. Nessa cadeia enunciativa, a ativista é constituída como um engodo produzido por instâncias de poder, em conluio com os pais da jovem, com o objetivo de dirimir a autoridade nacional e impor uma agenda de esquerda.

Tais posicionamentos reportam-se a saberes que objetivam Greta como intelectualmente limitada e, portanto, incompetente para atuar

¹³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51710095>. Acesso em: 18 mar. 2020.

numa causa complexa. Esses saberes originam-se do visível despreparo, observado por meio do desempenho da ativista na abertura da Cúpula do Clima da ONU, da observação de sua fisionomia, a qual denota efeitos horripilantes e anormais, de um completo desajuste de Greta no bojo da prática discursiva em que tenta se inscrever. A partir desses comentários, entendemos que esse saber enlaça-se a tecnologias de poder, porque, uma vez atestada a inaptidão de Thunberg, é necessário ignorá-la, não dar a devida atenção e, se possível, “arranjar um namorado” (comentário 7), para que, assim, ela possa não se intrometer em temáticas que não lhe competem.

Considerando o enunciado na sua singularidade e estreiteza, vejamos como o insulto se constitui como uma estratégia que acaba por desencadear a produção de verdades sobre Thunberg. As posições que enunciam colocam-se no lugar do esclarecimento, o qual desmascara a fraude e, nessa via, mostra o discurso verdadeiro a ser considerado. Cientes de que a verdade é deste mundo (FOUCAULT, 2008), somos levados a problematizar as práticas e discursos legitimadores das verdades de cada época. Em relação à Greta, constatamos, na tessitura enunciativa dos comentários *on-line*, a produção de um dizer que se impõe como verdade pela ótica do insulto, pela difamação do outro como sendo impostor e a reafirmação de um dizer, produzido à revelia do saber científico, como sendo verdadeiro, num momento em que a ciência é constantemente colocada em xeque. Dessa feita, o negacionismo climático caminha lado a lado com outros tipos de revisionismo histórico-sociais (a exemplo do terraplanismo, do movimento anti-vacinação, dentre outros) e arregimentam posicionamentos nas mídias digitais e alternativas. Em tal seara, Greta Thunberg é um alvo propício para a virulência na *web*, pois reúne marcadores sociais, por ser adolescente, mulher e neurobiologicamente objetivada por um transtorno que a afasta da norma social estabelecida. No fundo, a luta em prol da causa ambiental acaba sendo uma munição cujo alvo repousa na inadequação de sujeitos como Greta em espaços decisórios do poder político.

Necessário sublinhar, por fim, que o presente estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla ainda em desenvolvimento, razão pela qual muitos outros pontos poderão ser aprofundados em análises vindouras, tais como: i) o embate de verdades entre os discursos contrários e os favoráveis a Greta Thunberg e o modo como as relações de saber-poder são demandadas nesse jogo enunciativo; ii) o tratamento que os diferentes

veículos midiáticos conferem a Greta Thunberg e a Naomi Seibt, *a priori* concebidas como figuras antagonicas; iii) a problematização da emergência de Thunberg como uma estratégia biopolítica, especialmente numa perspectiva que possa considerar a gestão e o controle da vida no planeta a partir do discurso ambiental e iv) a construção da ativista como uma influenciadora digital e os diversos discursos de outras jovens ambientalistas que a tomam como um modelo a ser seguido. Em suma, trata-se de inquietações, tateamentos e planos a moverem pesquisas que consideram a relação entre os discursos, os sujeitos e a história do momento presente.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Edifício em construção ou em ruínas: usos e abusos do pensamento de Michel Foucault na contemporaneidade. *In*: SOUSA, K. M.; PAIXÃO, H. P. P. (org.). *Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2015. p. 209-221.
- AL GORE. *Uma verdade inconveniente*. Direção de Davis Guggenheim. Los Angeles: Paramount Vantage, 2006. 1 DVD (94 min).
- AMOSSY, R. *Apologie de la polémique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014. DOI: <https://doi.org/10.3917/puf.amos.2014.01>
- BURKE, P.; PORTER, R. *História social da linguagem*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: UNESP, 1997.
- CHARAUDEAU, P. Reflexões para análise da violência verbal. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916/114114895>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- DUNKER, C. *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (org.). *Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREIRE FILHO, J. O circuito comunicacional das emoções: a internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2014. p. 1-34.

GALLO, S. Do cuidado de si como resistência à biopolítica. In: CASTELO BRANCO, G.; VEIGA-NETO, A. (org.). *Foucault: filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 371-393.

GEADA. Sobre o GEADA. 2017. Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com/p/sobre-o-geada.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ORESQUES, N.; COWNAY, E. R. *Merchants of doubt*. How a Handful of Scientist Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming. New York: Bloomsbury, 2010.

PROCTOR, N. R. Agnotology: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ugnorance (and Its Study). In: PROCTOR, N. R.; SHIEBINGER, L. (org.). *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance*. Palo Alto: Stanford University Press, 2008. p. 1-33.

ROQUE, T. O negacionismo no poder: como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política, *Piauí*, São Paulo, ed. 161, fev. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SARGENTINI, V. M. O. Violência no discurso: insulto, hostilidade e cinismo. In: FERNANDES, C. A. (org.). *A violência na contemporaneidade: do simbólico ao letal*. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 27-46.

SARGENTINI, V. M. O. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? *Heterotópica*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 34-47, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48526>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48526>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUZA; L. D.; VALADÃO JÚNIOR, V. M.; MEDEIROS, C. R. O. Crime corporativo e o discurso da responsabilidade socioambiental: inconsistências, contradições e indiferença no diálogo da corporação em *stakeholders*. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 690-703, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-530x1394-17>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v24n4/0104-530X-gp-0104-530X1394-17.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WENCESLAU, J.; ANTEZANA, N. L.; CALMON, P. P. Políticas da terra: existe um discurso ambiental pós Rio +20? *Cad. EBAP. BR*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 584-604, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000300008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512012000300008. Acesso em: 3 mar. 2020.

